

# Loyola defende que Brasil siga a Coréia

■ Ex-presidente do BC prevê política liberal de câmbio, recessão em 99, dólar estável cotado entre R\$ 1,60 e R\$ 1,70 e inflação de 9%

MARIO ANDRADE E SILVA

Correspondente

MIAMI — O ex-presidente do Banco Central Gustavo Loyola prevê um futuro econômico para o Brasil muito próximo do modelo aplicado na Coréia do Sul, com uma política liberal de câmbio, uma recessão preparatória, em 1999, de 4% a 5%, e um futuro estável com o dólar cotado entre R\$ 1,60 e R\$ 1,70 e a inflação anual estabilizada em 9%. Falando para um grupo de 250 banqueiros e empresários americanos em um almoço organizado pela Câmara do Comércio Brasil-EUA em Miami, Loyola contou a história da atual crise brasileira e desenhou quatro cenários diferentes por onde a economia brasileira pode evoluir.

Segundo Loyola, o Brasil de hoje pode se transformar em três países diferentes além do modelo "mais provável" do *Brasil Coréia*. No cenário *Brasil Malásia*, a economia brasileira seria fechada tanto do ponto de vista financeiro quanto econômico para "reduzir a vulnerabilidade externa". No cenário *Velho Brasil*, teríamos a volta da inflação crônica e exagerada.

Na quarta opção, definida por Loyola como *Re-estabilização*, o governo brasileiro encontraria condições de restabelecer a âncora cambial e voltaria a viver os bons tempos do Plano Real. Loyola diz que os cenários *Velho Brasil* e *Brasil Malásia* representariam a "perdição política" do presidente Fernando Henrique e de todos os seus parceiros de governo. "Tenho certeza de que o presidente jamais assistiria passivamente a volta da inflação desgovernada no Brasil", disse ele.

"Antes do Plano Real, poucos cidadãos brasileiros, só aqueles com acesso ao exterior, sabiam o que era viver numa economia sem inflação. Agora a coisa mudou. Todos os brasileiros sabem como é uma economia estável. A pressão popular sobre o governo no sentido

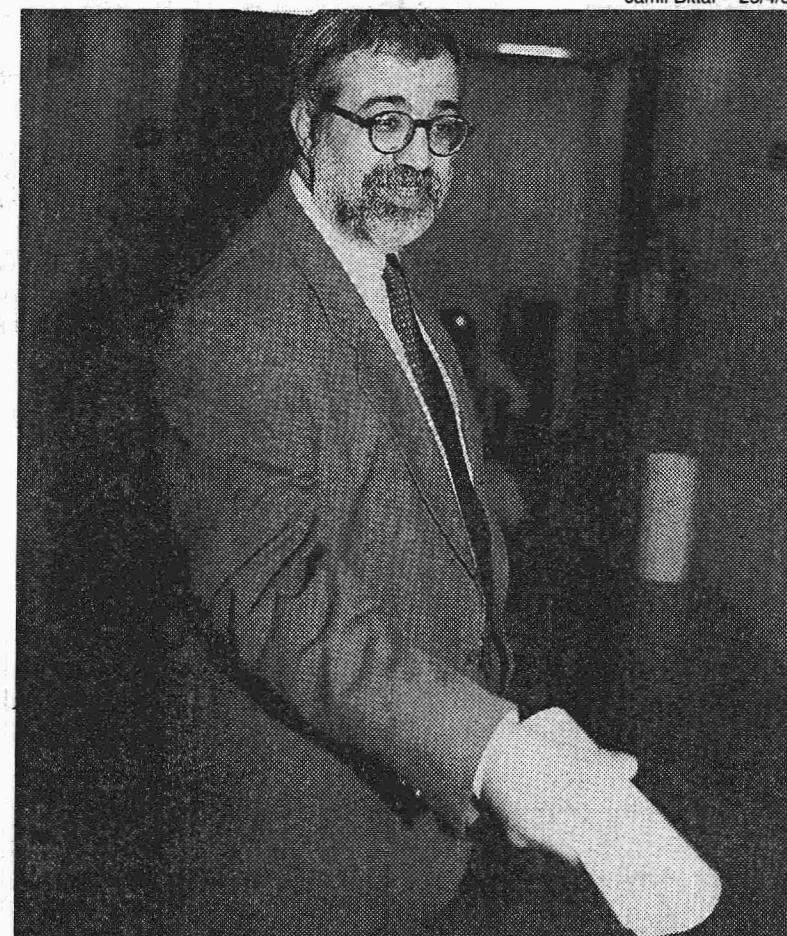
de controlar a inflação será muito mais intensa do que a pressão internacional e, por isso, mais eficiente."

O ex-presidente do Banco Central falou muito da necessidade "do país recuperar a credibilidade no exterior" e citou entre os fatos que deram origem à crise que desvalorizou o real "as limitações políticas para mudanças de rumo mais agressivas", o "primitivismo do sistema decisório político no país" e a "preocupação do governo com a reeleição do presidente Fernando Henrique, que teria sido responsável pela lentidão extra na aprovação de algumas medidas de ajuste fiscal".

Depois de elogiar várias vezes a escolha de Armínio Fraga para a presidência do Banco Central, Loyola falou rapidamente sobre algumas das questões atuais do país, como a escassez de linhas de crédito para exportação e as reservas cambiais do país. "A redução na linhas de *trade-finance* acontece em parte porque antes da crise havia uma oferta exagerada de dinheiro. Ela não afeta as empresas mais sólidas. Grandes exportadores brasileiros ainda têm crédito farto no exterior. A queda na disponibilidade de linhas de crédito para comércio exterior afeta mais e quase somente os exportadores de menor porte", disse ele. "Sobre as reservas eu posso dizer que o regime de câmbio livre tira a pressão sobre as reservas, pois o Banco Central não precisa intervir no mercado se não quiser. O nível atual de reservas, cerca de US\$ 35 bilhões, é mais do que suficiente", disse o economista.

Loyola não acredita que o acordo do governo com o FMI e com os países do G-7 tenha como cláusula a co-gestão do câmbio e da política de juros do país. "Quem cuida do dia-a-dia da política econômica brasileira é o governo. O acordo estabelece metas, e depois o FMI fiscaliza o governo para saber se as metas estão sendo cumpridas, disse ele.

Jamil Bittar - 25/4/97



Loyola: FH não assistiria à volta da inflação desgovernada no país